

*O lugar das trevas:*

Leituras e releituras de *O Coração das Trevas* em tempos de pós-modernismo.

Raquel Gryszczenko Alves Gomes<sup>1</sup>

Unicamp

Campinas – SP – Brasil

**Resumo:** Recentes interpretações do romance *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, argumentam que o literato polonês, apesar de seu conhecido engajamento na luta contra as atrocidades da ação imperialista no continente africano, não teria conseguido deixar de refletir, em seu texto, boa parte dos preconceitos da época em relação àquele território. O objetivo deste trabalho é resgatar, na leitura do romance, pontos que possam corroborar com a idéia de que este romance de Conrad é, sim, uma bandeira fundamental na denúncia da insanidade da ação imperialista.

**Palavras-chave:** *O Coração das Trevas*, Imperialismo, literatura.

**Abstract:** “The Locus of the Darkness: reading and rereading *Heart of Darkness* in postmodernism times”. Recent interpretations of Joseph Conrad’s novel *Heart of Darkness* argue that the polish writer, besides his well known engagement against the imperialist action in the African continent, couldn’t escape de trap of showing in his text some typical prejudices of his time. This paper intends to rescue, in the reading of the novel, ideas that corroborate with the argument that *Heart of Darkness* is an essential point in the denounce of the imperialism action.

**Keywords:** *Heart of Darkness*, Imperialism, literature.

---

<sup>1</sup> Raquel Gryszczenko Alves Gomes é mestranda em História Social da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolve projeto de pesquisa ligado à construção da nação sul-africana através dos escritos político-literários de Olive Schreiner e Sol Plaatje.

“Não quero aborrecê-los demais com o que me aconteceu pessoalmente... mas, para compreender o efeito que aquilo me causou, vocês precisam saber como cheguei lá, o que vi, como subi aquele rio até o lugar onde avistei, pela primeira vez, o pobre sujeito.”<sup>2</sup>

As palavras acima são de Charlie Marlow, narrador que Joseph Conrad escolheu para guiar o leitor naquele que é, certamente, seu mais famoso romance: *O Coração das Trevas*. Publicado há mais de cem anos, o romance de Conrad já foi alvo de inúmeros estudos, bem como gerou as mais diversas críticas. Desde a leitura de denúncia da barbárie do colonialismo, a meu ver, pretendida pelo autor, até a crítica de Chinua Achebe e, posteriormente, leituras que o tomam como romance que não se livra dos preconceitos de sua época, *O Coração das Trevas* é, inegavelmente, uma obra de valor inestimável.

Em tempos de pós-modernismo, de questionamento da realidade e de análises cada vez mais centradas na narrativa, o objetivo deste trabalho é o de, nas páginas que seguem, retomar uma análise que tenha em mente aquele que julgo ter sido o objetivo primordial de Conrad em sua escrita: a crítica à ação imperialista no continente africano.

Para a elaboração de uma análise mais substancial do romance, bem como da crítica que recebeu ao longo destes mais de cem anos, a lista de leituras de qualidade seria quase interminável – portanto, escolho como diálogos centrais os comentários de Chinua Achebe, em seu artigo "An Image of Africa: Racism in Conrad's *Heart of Darkness*", e Edward Said com o seu *Cultura e Imperialismo*. Esta escolha dá-se por apresentar leituras da obra de Conrad que são vistas, hoje, como as mais corretas pelos estudos acadêmicos.

Apesar dessa escolha, o diálogo com outros autores estudiosos da obra de Conrad será também apresentado neste texto, embora de maneira mais superficial do que a desejada.

\*

Publicado pela primeira vez no formato de livro em 1902<sup>3</sup>, *O Coração das Trevas* é resultado direto da experiência de Joseph Conrad como capitão de um barco a vapor que viaja através do rio Congo, em 1890 - período em que o autor fora contratado pela *Belgian Société Anonyme Belge pour le Commerce du Haut-Congo*. A experiência

---

<sup>2</sup> CONRAD, Joseph – **O Coração das Trevas**. A edição utilizada neste trabalho é a de São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, com tradução de Celso M. Paciornik. Cf. p. 16.

<sup>3</sup> O texto surgiu inicialmente publicado em três partes na Blackwood's Magazine, em 1899.

pode ter sido curta temporalmente – durou cerca de seis meses -, mas as marcas deixadas em Conrad perdurariam por anos – e ainda perduram, posto que temos acesso a elas através de sua obra.

O romance é construído a partir da narrativa feita por Marlow, inglês, homem do mar, aventureiro. Marlow relata sua experiência como capitão de um barco ao longo do rio Congo, quando a serviço de uma Companhia de exploração de marfim. Em seu narrar, por vezes vítima de sua própria tormenta, entrevemos o infortúnio causado pela presença européia no continente africano.

Marlow é levado em uma viagem ao interior do território em busca de Kurtz, um dos maiores caçadores de marfim da Companhia, que se encontra incomunicável há tempos. É a partir de um aprofundamento no território da África equatorial, em busca de Kurtz, que a narrativa de Marlow intensifica-se em carga dramática, e podemos acompanhar os impactos que a psique do narrador recebe da realidade em que está inserido.

A figura de Kurtz permeia a narração de Marlow de maneira crescente: o homem do mar inglês conta-nos da primeira vez que ouviu o nome do caçador de marfim, as referências feitas a sua figura, o quadro pintado por ele – Marlow constrói para si mesmo e também para o leitor um imaginário ao redor da figura de Kurtz. Esse imaginário vai intensificando-se, conforme se aproxima o momento de conhecer o grande caçador de marfim – e eis que somos apresentados a uma figura enlouquecida e debilitada, que não resiste à viagem de volta no navio capitaneado por Marlow.

Resumir o enredo de uma das novelas mais reeditadas e comentadas do século XX não é nosso objetivo aqui, mas sim fornecer alguns dados básicos para balizar a leitura de análise que pretendemos – mesmo porque, nenhum resumo pode alcançar a intensidade que só o leitor da obra de Conrad consegue apreender. Passemos, portanto, para uma análise das leituras que enxergaram em *O Coração das Trevas* um romance imperialista e racista, para que tentemos, posteriormente, desconstruir estas críticas baseando-nos na leitura do romance.

\*

Em finais da década de 1960, Chinua Achebe, nigeriano prêmio Nobel de literatura, contou-nos suas impressões do romance de Joseph Conrad em artigo intitulado: “An Image of Africa: Racism in Conrad's *Heart of Darkness*.”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> O artigo foi publicado pela *Massachusetts Review* 18 (1977). O acesso conseguido ao texto, no entanto, foi através do website: <http://social.chass.ncsu.edu/wyrick/debclass/achcon.htm> [consultado pela última

Achebe inicia seu trabalho pela idéia de que ainda é corrente a visão de uma África que é tomada como antítese da Europa – é um lugar distante, atrasado e de certa forma, inacessível em seus meandros. Seu argumento parte de comentários feitos nos meios acadêmicos acerca da impossibilidade de existência de uma história ou literatura próprias ao continente africano. Segundo o autor, uma das expressões máximas dessa idéia seria o romance de Conrad, bem como o fato de o romance do autor polonês manter-se em destaque, quando pensamos com bases na idéia de “literatura universal”. Destaco excerto de Achebe:

*É claro que há bibliotecas inteiras de livros dedicados ao mesmo propósito, mas a maioria é tão óbvia e tão vulgar que poucas pessoas preocupam-se com eles hoje em dia. Conrad, por outro lado, é indubitavelmente um dos maiores estilistas da ficção moderna – e ainda por cima um bom contador de histórias. Sua contribuição, portanto, fica automaticamente em uma classe diferente – literatura permanente – lida, ensinada e constantemente avaliada por acadêmicos sérios.<sup>5</sup>*

O autor nigeriano dá continuidade a seu argumento propondo-se a pensar *O Coração das Trevas* como um romance racista, que propaga a idéia da África como um território de selvageria e bestialidade, completamente oposto à Europa. Chinua Achebe inicia sua análise partindo do contraponto que, em teoria, Conrad faz entre os rios Tâmis, logo ao início do romance, e o Congo, no qual se dá grande parte da jornada narrada por Marlow. Para o prêmio Nobel, o Tâmis surge para o leitor tranqüilo e sereno, enquanto que a ação que toma lugar no rio Congo é marcada pela turbulência e selvageria.

No entanto, o cerne da crítica de Chinua Achebe está pautada na imagem que o autor polonês cria dos povos africanos, bem como do próprio continente colonizado. Clement Abiaziem Okafor, em seu artigo “Joseph Conrad and Chinua Achebe: Two

---

vez em 30 de agosto de 2007]. Esta é uma segunda versão do artigo, conforme o próprio autor revela-nos no corpo de seu texto.

<sup>5</sup> ACHEBE, Chinua. An Image of Africa: Racism in Conrad's *Heart of Darkness*.... Tradução do original: “(...) Of course there are whole libraries of books devoted to the same purpose but most of them are so obvious and so crude that few people worry about them today. Conrad, on the other hand, is undoubtedly one of the great stylists of modern fiction and a good storyteller into the bargain. His contribution therefore falls automatically into a different class - permanent literature - read and taught and constantly evaluated by serious academics. (...)”

Antipodal Portraits of Africa”<sup>6</sup>, toma o posicionamento de Achebe como verdadeiro, uma vez que em seu entendimento, Conrad, apesar de sua crença na denúncia do imperialismo, teve sua obra vitimada pelos preconceitos europeus acerca da África.

A convergência das críticas de Achebe e Okafor dá-se no sentido de que para ambos os autores, Joseph Conrad não tem como preocupação central em seu romance o território ou os povos africanos. Neste olhar, a narrativa de Conrad é essencialmente eurocêntrica e conta com os povos africanos – e mesmo o continente africano – apenas como *background* para uma ação, que, na verdade, está preocupada com personagens, ideais e argumentos europeus. Neste sentido, como afirma Okafor – “(...) *Infelizmente, Conrad foi uma autêntica prole dos preconceitos europeus do século XIX para com a África.*”<sup>7</sup>.

A crítica de Chinua Achebe pauta-se, em grande medida, no fato de que Conrad, dificilmente dá voz aos africanos em seu romance; e, quando isso ocorre, o africano que fala é incapaz de articular frases corretas, mostrando sempre uma incapacidade de dialogar com um idioma europeu. A cultura européia está, portanto, em um patamar que não é passível de ser atingido pelos africanos que nos são apresentados por Conrad.

O exemplo que nos é mais constantemente oferecido, neste aspecto, é o da passagem do romance em que, navegando pelo rio Congo, o vapor de Marlow é preenchido pelo som de “um clamor de lamentações modulado por dissonâncias selvagens [que] encheu nossos ouvidos. (...)”<sup>8</sup>. A seguir, o autor ressalta o impacto das tais “dissonâncias selvagens” naqueles presentes em seu vapor:

*Os rostos se crispavam de tensão, as mãos tremiam um pouco, os olhos se esqueciam de piscar. Era curioso ver o contraste das expressões dos brancos e dos negros de nossa tripulação, que eram tão estranhos a essa parte do rio quanto nós, embora suas casas estivessem a mil quilômetros de distância apenas. Os brancos, certamente muito transtornados, davam também a curiosa impressão de estar dolorosamente chocados com uma algazarra tão infame. Os outros exibiam uma expressão de alerta, de interesse natural; mas seus rostos estavam calmos, mesmo os daqueles um ou dois que mostravam os dentes enquanto puxavam a corrente. Vários deles trocaram frases curtas,*

---

<sup>6</sup> OKAFOR, Clement Abiaziem – “Joseph Conrad and Chinua Achebe: Two Antipodal Portraits of Africa”. **Journal of Black Studies**, vol. 19, n. 1 (Sep.,1988), pp.17-28.

<sup>7</sup> Idem, p.18. Tradução do original: “(...) Regrettably, Conrad was a veritable offspring of nineteenth-century European prejudices about Africa.”

<sup>8</sup> Cf. p. 62

*grunhidas, que pareceram resolver o caso de maneira satisfatória. Seu capataz, um negro jovem e truncado trajando com apuro uma roupa azul escuro franjada, com narinas agressivas e o cabelo habilmente penteado com aneizinhos untados, estava ao meu lado. “Ola!”, eu disse, para ser gentil. “Pegue eli”, vociferou, arregalando os olhos injetados e fazendo relampear os dentes aguçados, “pegue eli. Dê eli pra nós.”. “Pra vocês, é?”, perguntei, “o que fariam com eles?”. “Come eli!”, falou secamente, e, apoiando o cotovelo no parapeito ficou olhando para a cerração com atitude nobre e profundamente pensativa.<sup>9</sup>*

A crítica arquitetada por Achebe e apoiada por Okafor acusa Joseph Conrad de representar os africanos como incapazes de articulação verbal – note-se que eles emitem “grunhidos” – e, quando tentam articular sentenças na língua de Marlow, mostram-se incapazes de fazê-lo corretamente. Para os autores da crítica, aqui se visualiza o preconceito lingüístico que Conrad tem para com os povos africanos – preconceito, este, que refletiria sua posição imperialista frente ao continente africano.

O autor nigeriano, no entanto, relembra que o romance é narrado por Marlow e não por Conrad – e que, portanto, temos acesso a Marlow, e não a Conrad – o que poderia inocentar o escritor polonês da acusação de compactuar com a mentalidade colonial. No entanto, Achebe ainda parece titubear quanto a esta posição de Conrad frente a Marlow:

*Deve ser argumentado, é claro, que a atitude para com o Africano em O Coração das Trevas não é de Conrad, mas sim de seu narrador ficcional, Marlow, e que longe de endossá-la, Conrad pode, de fato, utilizar-se de ironia e crítica. Certamente Conrad parece ter enfrentado esforços consideráveis para estabelecer camadas de isolamento entre si mesmo e o universo moral de sua história. Ele tem, por exemplo, um narrador por trás de outro narrador. O narrador primordial é Marlow, mas sua descrição é-nos dada através do filtro de um segundo, uma pessoa imprecisa. Mas se é intenção de Conrad traçar um cordão sanitário entre si mesmo e o mal-estar moral e psicológico de seu narrador, seu empenho parece-me totalmente desperdiçado, porque ele negligencia em dar uma dica - mesmo que sutil ou através de um referencial alternativo pelo qual possamos julgar as ações e*

---

<sup>9</sup> CONRAD, Joseph. *op cit*, p. 63-64

*opiniões de seus personagens. Não estaria além dos poderes de Conrad criar essas condições, se ele as achasse necessárias. Marlow parece-me receber completa confiança de Conrad – um sentimento reforçado pelas grande proximidade entre as carreiras de ambos.*<sup>10</sup>

Achebe constrói, assim, um argumento no qual Joseph Conrad acaba tornando-se, na verdade, um racista. Ainda segundo o autor de *O Mundo se Despedaça*, o não-reconhecimento de Conrad como um expoente do preconceito racial, dá-se porque seus comentários parecem “normais” para aqueles que não transitam em um ambiente como o africano, por exemplo – as articulações verbais de Conrad parecem naturais ao pensamento que se tornou arraigadamente racista, de maneira que temos não um “racismo militante”, mas sim um racismo que resulta de estruturas que estão, há muito, imbricadas no pensamento europeu acerca do continente africano. É um racismo que não se reconhece como tal e só é perceptível quando tem suas estruturas analisadas detidamente, na minúcia.

De acordo com esse viés analítico da obra de Joseph Conrad, temos, ainda, que a África é o continente que conduz à loucura, a um estágio primário de selvageria. De acordo com Okafor:

*Conrad, tal qual um fotógrafo, deliberadamente ajusta seu romance na África porque ele – bem como sua audiência européia do século XIX – acreditava que aquele continente resumia a selvageria. (...) Deste modo, em O Coração das Trevas, a África torna-se o ambiente em que o comportamento irracional é a norma. (...) O Coração das Trevas retrata a África como uma terra de selvagens que não têm qualquer cultura ou civilização que valham a pena.*<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> ACHEBE, Chinua. *op cit.* Tradução do original: “It might be contended, of course, that the attitude to the African in *Heart of Darkness* is not Conrad's but that of his fictional narrator, Marlow, and that far from endorsing it Conrad might indeed be holding it up to irony and criticism. Certainly Conrad appears to go to considerable pains to set up layers of insulation between himself and the moral universe of his history. He has, for example, a narrator behind a narrator. The primary narrator is Marlow but his account is given to us through the filter of a second, shadowy person. But if Conrad's intention is to draw a cordon sanitaire between himself and the moral and psychological malaise of his narrator his care seems to me totally wasted because he neglects to hint however subtly or tentatively at an alternative frame of reference by which we may judge the actions and opinions of his characters. It would not have been beyond Conrad's power to make that provision if he had thought it necessary. Marlow seems to me to enjoy Conrad's complete confidence -- a feeling reinforced by the close similarities between their two careers.”<sup>10</sup>

<sup>11</sup> OKAFOR. *op cit.*, p. 19-20. Do original: “Conrad, like a photographer, deliberately set his novel in Africa because he – as well as his nineteenth-century European audience – believed that the continent epitomized savagery. (...) Thus in *Heart of Darkness* Africa becomes an environment where irrational

Desta forma, percebemos que Chinua Achebe e seus seguidores constroem um argumento que visualiza a obra de Joseph Conrad como imbuída de bandeiras ideológicas, tais como a superioridade européia frente aos outros povos. Ao longo dos anos, a crítica de Achebe ganhou muitos adeptos – como podemos perceber a partir da leitura do artigo de Clement Abiaziem Okafor - e também estimulou o debate acerca do romance de Conrad.

Antes de apresentar as razões que me fazem discordar do olhar do prêmio Nobel nigeriano (e de seus seguidores) acerca de *O Coração das Trevas*, creio que seja de fundamental importância atentarmos para outro expoente entre os nomes de críticos do trabalho de Joseph Conrad: Edward Said.

Em seu *Cultura e Imperialismo*, o intelectual palestino defende a idéia de que Joseph Conrad talvez tenha mesmo acreditado que escrevia uma obra de militância contra a opressão do colonialismo no Congo; no entanto, a realidade estética de sua obra revela que o pensamento imperialista contra o qual militava talvez tenha influenciado o autor polonês para além daquilo que se imagina. É o que podemos depreender, por exemplo, da seguinte passagem:

*Mas nem Conrad nem Marlow nos oferecem uma visão completa do que se encontra fora da postura dos conquistadores do mundo encarnada por Kurtz, por Marlow, pelo círculo de ouvintes no convés do Nellie e por Conrad. Com isso quero dizer que Heart of Darkness é uma obra que funciona tão bem porque sua política e sua estética são, por assim dizer, imperialistas, as quais, nos últimos anos do século XIX, pareciam ser uma política e uma estética, e até uma epistemologia, inevitáveis e inescapáveis. Pois se de fato não conseguimos entender a experiência do outro e se, portanto, precisamos depender da autoridade impositiva do tipo de poder que Kurtz exerce como homem branco na selva ou que Marlow, outro branco, exerce como narrador, é inútil procurar outras alternativas não imperialistas: o sistema simplesmente as eliminou ou tornou-as inconcebíveis. A circularidade, o fechamento perfeito da coisa toda é inexpugnável não só em termos estéticos, mas também mentais.*<sup>12</sup>

---

behavior is the norm. (...) *Heart of Darkness* portrays Africa as a land of savages who do not have any worthwhile culture or civilization. (...)"

<sup>12</sup> SAID, Edward W. – **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 [original de 1993]. Cf. p. 56

O argumento de Said aponta para o fato de a realidade africana precisar de intermediários para ser apreendida no cenário europeu em que a obra de Conrad circulava. Portanto, depreendemos que pensar uma África que narrasse a si mesma parece impossível ao autor de *O Coração das Trevas*. Para dar voz aos povos oprimidos pelo colonialismo no Congo Belga, Conrad opta por: 1. apresentar um europeu narrando sua experiência frente à observação da exploração humana empreendida no Congo e 2. explorar a experiência de colonização como violenta para o colonizador – isso porque, em seu relato, ficamos mais envolvidos pela construção da tormenta de Kurtz (ou do próprio Marlow) do que pelo sofrimento impingido aos povos africanos pelo colonialismo.

Assim, para aproximar seu leitor da violência da situação estabelecida no Congo, Conrad opta, na visão de Said, por apresentar seus resultados na figura dos homens europeus e não dos africanos. Estabelece-se um filtro para que o leitor possa compreender o impacto da ação imperialista – e, ao ser necessário esse filtro para a apreensão de dada realidade, já estamos dialogando com a própria ideologia imperialista, posto que tomamos a realidade do outro como inalcançável através de seus próprios elementos e representações.

Edward Said continua seu argumento:

*A limitação trágica de Conrad é que, mesmo podendo enxergar com clareza que o imperialismo, em certo nível, consistia essencialmente em pura dominação e ocupação de territórios, ele não conseguia concluir que o imperialismo teria de terminar para que os nativos pudessem ter uma vida livre da dominação européia. Como indivíduo de seu tempo, Conrad não podia admitir a liberdade para os nativos, apesar de suas sérias críticas ao imperialismo que os escravizava.*<sup>13</sup>

Edward Said parece caminhar cada vez mais para uma interpretação da obra de Conrad que prima pela benevolência – ora, Conrad tinha sim boas intenções quando escreveu sua obra; estas só não foram plenamente realizadas em sua escrita, porque ele estava inscrito em um período em que pensar de maneira distinta daquela imposta pelo sistema imperialista era simplesmente algo inimaginável.

---

<sup>13</sup> SAID, Edward. *op cit*, p. 63

Minha pergunta a Said, neste aspecto, é: este argumento não se compara àquele seu próprio, quanto à incapacidade de se apreender o outro senão através de um filtro? Isso porque, o intelectual palestino faz-nos acreditar que a problemática da obra de Joseph Conrad está no fato de ele precisar instaurar um filtro europeu (Marlow) para apresentar a realidade de opressão do colonialismo no território do Congo Belga. Creio que há uma proximidade muito grande entre este argumento e aquele que julga que o romance de Conrad é vítima da epistemologia imperialista: Said não consegue admitir “liberdade” para o próprio Conrad – para que ele, como autor, possa posicionar-se contra esse imperialismo. Said toma o imperialismo como filtro fundamental para compreender a obra de Conrad: e isso é, sim, inevitável na leitura deste romance. No entanto, esse filtro não pode ser utilizado de maneira a cegar a visibilidade de outras possibilidades ideológicas para o romance, possibilidades que transitem em um cenário de oposição ao colonialismo / imperialismo, por exemplo.

\*

Pensar a variedade de leituras possíveis a partir do romance de Joseph Conrad é, como vimos, a partir dos exemplos acima mencionados, campo controverso e espinhoso.

Fato é que, no campo das ciências humanas, a recente influência das correntes baseadas na teoria literária tem trazido mudanças na forma de se pensar a História e sua prática. Tomemos, por exemplo, o pensador norte-americano Hayden White, responsável pelo pensar de uma não-separação entre História e ficção. O pressuposto de que existe uma verdade e que esta se encontra nos documentos, é negado por White: para ele, a construção textual dispõe de *tropos*, de modalidades; e são estes gêneros literários que organizam a narrativa e que conferem sentido à história. A verdade não existe nos documentos – ela é construída pelo historiador quando este elabora seu texto, sua narrativa.

A teoria pós-moderna de práxis historiográfica, cada vez mais influenciada por essa vertente da teoria literária, tem propagado a idéia de que o procedimento correto de análise é o de “tomar o texto pelo texto”. É uma análise que prima pelo lingüístico, pelo sintático, pelo epistemológico.

Creio que muito da análise de Chinua Achebe – e daqueles que optaram por segui-la – está pautada na teoria pós-moderna de ler o texto fechado e limitado a si mesmo. E isso, no caso de Conrad, resulta em perdas significativas e brutais em sua narrativa.

Edward Said, por sua vez, é-nos sempre um estimulante desafio. Dono de uma obra vasta, que contempla diversos objetos e estilos de análise, seria injusto atribuir-lhe um simples rótulo. No entanto, a análise que apresenta de *O Coração das Trevas* em seu *Cultura e Imperialismo* merece alguma cautela. Said afirma, logo em sua introdução:

*Os leitores deste livro logo perceberão que a narrativa é crucial para minha argumentação, sendo minha tese básica a de que as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles. (...) O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos. Mais importante, as grandiosas narrativas de emancipação e esclarecimento mobilizaram povos do mundo colonial para que se erguessem e acabassem com a sujeição imperial; nesse processo, muitos europeus e americanos também foram instigados por essas histórias e seus respectivos protagonistas, e também eles lutaram por novas narrativas e solidariedade humana.<sup>14</sup>*

Não podemos deixar de perceber no argumento de Said uma certa influência do movimento de lutas de libertação nacional (e em seu caso particular, a experiência pessoal da questão palestina): Said tem um profundo diálogo com narrativas de afirmação de nacionalidade, que surgem com grande vigor na metade do século XX – narrativas construídas na luta contra o colonialismo e que se lançam no embate em busca da afirmação de uma identidade própria.

Said afirma que Conrad é o precursor das concepções ocidentais acerca do Terceiro Mundo que marcam o trabalho de diversos pensadores – desde romancistas como V.S Naipaul e Graham Greene, até teóricos do imperialismo, como Hannah Arendt.<sup>15</sup> No entanto,

*... ele [Conrad] escreve como um homem cuja visão ocidental do mundo não ocidental está tão arraigada a ponto de cegá-lo para outras histórias, outras culturas e outras aspirações. Tudo o que Conrad consegue ver é um mundo*

---

<sup>14</sup> SAID, Edward. *op cit*, p. 13

<sup>15</sup> *Idem*, p. 18-19.

*totalmente dominado pelo Ocidente atlântico, onde toda oposição ao Ocidente apenas confirma o poder iníquo do Ocidente. O que Conrad não consegue ver é uma alternativa a essa cruel tautologia. Ele não podia entender que a Índia, África e América do Sul também possuíam vidas e culturas com identidades não totalmente controladas pelos reformadores e imperialistas gringos deste mundo.”*<sup>16</sup>

Será mesmo?

Said afirma que em *O Coração das Trevas*, o autor polonês não conseguia visualizar os africanos para além das relações de escravização, às quais o imperialismo os destinava. Ora, isso é esquecer, por exemplo, trechos fundamentais do romance. Destaco, aqui, dois exemplos que julgo cruciais. O primeiro deles mostra-nos os pensamentos de Marlow acerca do som distante de tambores africanos:

*Um silêncio imponente em volta e no alto. Talvez, em alguma noite serena, a pulsação de tambores distantes, sumindo, engrossando, uma pulsação vasta, débil; um som estranho, sedutor, sugestivo e selvagem – e com um significado tão profundo, talvez, quanto o repicar de sinos numa terra cristã.*<sup>17</sup>

Ao contrário do que afirma Edward Said, acerca da incapacidade de Conrad de enxergar o outro por valores inerentes a este, creio que a passagem acima revela uma grande compreensão da diversidade entre as realidades africana e europeia por parte do autor polonês, sem que, no entanto, seja feito um juízo de valor no sentido de afirmar que realidade X ou Y é inferior a esta ou aquela, e vice-versa. Marlow encanta-se com a pulsação dos tambores, mas, ao invés de julgar a sonoridade como “primitiva” ou “bárbara”, opta por imaginá-la como repleta de significado para uma determinada cultura – tendo valor próximo ou similar a uma prática religiosa europeia, representada pelo som dos sinos de uma igreja.

É curioso atentarmos também para o fato de que, se Conrad estivesse mesmo em uma armadilha inescapável do pensamento imperial, como querem alguns críticos, seu texto provavelmente se deixaria influenciar pela idéia de levar a “verdadeira religião” aos “selvagens africanos” – ou seja, Conrad jamais seria capaz de tecer a hipótese de

---

<sup>16</sup> Idem, p. 19

<sup>17</sup> CONRAD, Joseph. *op cit*, p. 34

que, em território africano, o som de tambores poderia ser tão imbuído de significados quanto um repicar de sinos em terras cristãs. Mais do que isso: o autor polonês permite uma aproximação valorativa entre um rito africano e uma prática cristã, européia: os sons de tambores e de sinos podem ter valores próximos e correlatos.

Outra passagem que julgo de crucial importância, para defendermos a idéia de que Conrad estava, sim, a par do universo do “outro” que retrata em seu romance, é aquela que revela o pagamento oferecido aos africanos por seu trabalho na Companhia à qual Marlow também está ligado. Vejamos:

*Afora isso, haviam dado a eles, a cada semana, três pedaços de arame de latão com vinte centímetros cada; e a teoria era de que eles comprariam suas provisões com aquela moeda nas aldeias ribeirinhas. Vocês podem ver como isso funcionou. Não havia nenhuma aldeia, ou as pessoas eram hostis, ou o diretor – que como o resto de nós se alimentava de comida enlatada com um bode velho ocasional atirado para dentro – não queria parar o vapor por razões mais ou menos ocultas. Assim, a menos que engolissem o próprio arame ou fizessem com ele anzóis para apanhar peixes, não vejo de que seu salário extravagante poderia lhes servir.*<sup>18</sup>

Aqui, Conrad, novamente, revela uma compreensão do “outro” para além daquela imagem propagada pela política imperialista. O autor de *O Coração das Trevas* mostra seu narrador ciente de que, na lógica da cultura africana, o recebimento de três pedaços de arame de latão, com vinte centímetros cada, em troca de trabalho, é algo que beira o absurdo. Conrad apresenta um narrador sensível à ausência de lógica de mercado no território do Congo Belga, capaz de perceber que, na realidade em que estão inseridos, os africanos que dispõem dos pedaços de arame estão, em verdade, sem saída, a menos que se alimentem deste arame. Conrad percebe e denuncia como a imposição de uma lógica mercantilista no território afeta as relações de troca e de subsistência dos povos africanos, estabelecendo um caos social.

Portanto, temo que muitas das críticas feitas por Edward Said ao romance de Joseph Conrad não se sustentam após uma leitura minuciosa do texto, capaz de observar os meandros da narrativa. Conrad é capaz, e muito, de enxergar a realidade que o cerca de maneira crítica, evitando cair nas armadilhas que o olhar imperial pode gerar.

---

<sup>18</sup> Idem, p. 64

Em seu artigo “Conrad’s Critique of Imperialism in Heart of Darkness”<sup>19</sup>, Hunt Hawkins argumenta que a escolha dos termos utilizados por Conrad não deve ter fugido a toda a minúcia que o autor polonês emprega na construção do seu texto. Segundo Hawkins, e gostaria de afirmar que apóio esta hipótese, Conrad, preocupado em empreender um relato de denúncia da opressão colonialista que vitimava o Congo Belga, precisava escolher termos que fizessem sentido na lógica em que seu romance circularia – assim sendo, para arrebanhar seguidores para sua bandeira de militância, Conrad precisava chegar ao público, possibilitar uma interação do leitor com seu texto. Acredito que *Coração das Trevas* quer dizer ao seu público algo bastante parecido a: “eles são *niggers* como vocês os definem, mas têm vivências e práticas sócio-culturais que podem ser equiparadas às nossas e estão sendo devastados física e culturalmente!”.

O romance de Joseph Conrad figura no cenário europeu, inevitavelmente, como uma obra de denúncia – não apenas das atrocidades cometidas com os povos africanos no Congo Belga ou em outras áreas do continente africano, mas também da desconstrução da humanidade dos homens que acabam dialogando, direta ou indiretamente, com as ações imperialistas / colonialistas. E é especialmente por essa razão, em meu ponto de vista, que todas as personagens do romance apresentam, em graus variados, flertes com a insanidade e a loucura - desde Marlow, que revela a seus ouvintes (e leitores) como a experiência de funcionário da Companhia transformou-o de um aventureiro do mar, em um homem sombrio e taciturno, marcado pelo terror e irracionalidade que presenciou, até Kurtz, expressão máxima da degeneração do homem, empreendida pelo ideal colonialista.

Creio ser interessante atentarmos para o fato de que, muitas vezes, no imaginário europeu da época, a degeneração dos homens pode ser compreendida como inerente ao continente africano: ou seja, estar presente naquele continente é quase uma pré-condição para que o homem se degenere, decaia ao barbarismo e à selvageria. Acredito que não é essa a idéia apresentada por Conrad. Pelo contrário, creio que esta idéia é, justamente, subvertida por sua narrativa. O barbarismo não é inerente ao território ou aos povos africanos, mas, sim, àqueles engajados na exploração colonial.

Conrad não tece em nenhum momento objeções inflamadas contra o canibalismo, por exemplo, prática julgada, no circuito europeu, como expressão máxima da selvageria dos povos africanos. Pelo contrário, nas palavras de seu narrador, Joseph Conrad parece

---

<sup>19</sup> HAWKINS, Hunt. Conrad’s Critique of Imperialism in Heart of Darkness. *PMLA*, v. 94, n. 2 (mar., 1979), pp. 286-299.

compreender que, para alguns povos, o canibalismo era um ritual comum, uma prática sociocultural imbuída de lógica no sistema em que se inseria. Não há o uso exacerbado de palavras destacando como o canibalismo demonstra que os africanos são povos decaídos, como podemos encontrar em muitos trabalhos contemporâneos ao do escritor polonês.

No entanto, Conrad parece implacável com a irracionalidade que o sistema colonialista impingia aos homens. Neste sentido, são várias as passagens que destacam a ação européia como desprovida de significado verdadeiro. Destaco duas delas.

A primeira dá-se na aproximação inicial de Marlow do continente africano. Ele conta:

*Certa vez, lembro-me de termos encontrado um navio de guerra ancorado ao largo da costa. Não havia nem um abrigo sequer por lá, mas eles estavam bombardeando a mata. (...) Na vastidão deserta de terra, céu e mar, ali estava ele [o navio], incompreensível, atirando num continente. (...) Havia um quê de loucura no procedimento, uma impressão de brincadeira sinistra na visão; e esta não era dissipada por alguém a bordo me garantindo seriamente que havia um acampamento de nativos – eles os chamavam de inimigos! – oculto em algum lugar.<sup>20</sup>*

A outra passagem é aquela em que Marlow atenta para a peculiaridade da construção da ferrovia no território do Congo Belga:

*Estavam construindo uma ferrovia. O rochedo nem estava no caminho, mas aquelas explosões sem propósito eram o único trabalho em andamento. Um tilintar fraco de correntes às minhas costas me fez voltar a cabeça. Seis negros avançavam numa fila, galgando penosamente a trilha. (...) Uma nova detonação no rochedo me fez pensar prontamente naquele navio de guerra atirando num continente. Era o mesmo tipo de som aziago; mas esses homens não poderiam, nem com todo esforço de imaginação, ser vistos como inimigos.<sup>21</sup>*

---

<sup>20</sup> CONRAD, Joseph. *op cit*, p. 25

<sup>21</sup> *Idem*, p. 28

Atente-se, portanto, para a irracionalidade da luta européia contra todo um continente. É uma Europa munida de explosivos, navios, força bélica inigualável, frente a homens que, inexplicavelmente, julga como “inimigos”. Conrad inverte, aqui, a idéia de que o colonialismo estava pautado em uma *lógica* e em uma *racionalidade* – que tinha como principal bandeira livrar os africanos de suas práticas irracionais e selvagens. Subitamente, em sua narrativa, os selvagens são aqueles que se valem de sua superioridade militar para, deliberadamente, atirar em um território, sem justificativas aparentes. Qual o grau de degeneração do homem que empreende este ato? A narrativa de Conrad é construída de modo a instigar seu leitor a todo momento questionar o verdadeiro *locus* da insanidade e da selvageria. Conrad quer dividir com o leitor sua certeza de que, longe de serem inimigos bárbaros, os africanos são vítimas de um comportamento irracional europeu.

A denúncia da irracionalidade colonialista surge como mote inicial do romance, logo em uma das primeiras digressões de Marlow, quando este relembra a seus ouvintes-leitores que “... este também ... foi um dos lugares mais sombrios da Terra.”<sup>22</sup> Antes de prosseguirmos a análise neste sentido, vale fazer menção a uma particularidade que julgo bastante importante do texto, quando apresenta seu narrador – e julgo que ela está expressa na passagem:

*Mas Marlow não era típico (exceto em seu gosto de contar patranhas) e para ele o significado de um episódio não estava dentro, como um caroço, mas fora, envolvendo o relato que o revelava como o brilho revela um nevoeiro, como um desses halos indistintos que se tornam visíveis pelo clarão spectral do luar.*<sup>23</sup>

Faz-se interessante, portanto, notar que Conrad, antes de passar a palavra a seu narrador, atente para a peculiaridade deste. Marlow não é um homem comum. Destaco, com especial atenção, a idéia de brilho, luminosidade – será que Conrad não imbui seu narrador justamente com o papel de ser o brilho que revela um nevoeiro, que revela as trevas? Afinal, é Marlow que, através da claridade de seu relato, desvela a seus ouvintes e leitores um mundo de trevas: não aquele presente na distância do território africano,

---

<sup>22</sup> Idem, p. 13.

<sup>23</sup> Idem, p. 14.

mas uma treva muito próxima, presente no coração de cada homem envolvido com a irracionalidade do colonialismo.

Marlow inicia sua narrativa de maneira bastante interessante, fazendo com que seu leitor / ouvinte aproxime seu próprio território da idéia de trevas e isso se dá através de uma digressão, que conduz ao tempo dos romanos. Atentemos:

*Estava pensando em tempos muito antigos, quando os romanos chegaram aqui pela primeira vez, novecentos anos atrás – ainda outro dia... (...) Imaginem ele aqui, o próprio fim do mundo. Um mar cor de chumbo, um céu cor de fumo, um navio rígido como uma concertina – subindo este rio com provisões, ou ordens, ou o que vocês quiserem. Bancos de areia, pântanos, florestas, selvagens – quase nada de comer próprio de um homem civilizado, nada além da água do Tamisa para beber. Nada de vinho de Falerno por aqui, nada de descer em terra. Aqui e ali, um acampamento militar perdido num deserto como uma agulha num palheiro – frio, cerração, tempestades, doenças, exílio e morte – morte à espreita no ar, na água, no mato. Eles deviam morrer como moscas por aqui. (...) Eles eram homens de sobra para enfrentar as trevas. (...)*

*(...) Mas aqueles camaradas não eram levados muito em conta, de fato. Eles não eram colonizadores; seu governo era pura extorsão e mais ainda, eu suspeito. Eram conquistadores e para isso a força bruta – nada de que se gabar quando se tem, já que a força é apenas um acidente que resulta da fraqueza de outros. Eles agarravam o que podiam pelo bem de agarrar o que podiam. Era apenas assalto com violência, assassinato agravado em larga escala, e homens entrando naquilo às cegas – como convém a quem lida com as trevas. A conquista da terra, que significa, em grande medida, tirá-la de quem tem a cor de pele diferente ou o nariz um pouco mais achatado que o nosso, não é uma coisa bonita, quando examinamos bem. O que redime é apenas a idéia. Uma idéia por trás dela; não um pretexto sentimental, mas uma idéia; e uma crença altruísta na idéia – alguma coisa que você pode criar, venerar e oferecer sacrifícios a ela.<sup>24</sup>*

Muitas interpretações apontaram para o fato de Joseph Conrad tecer, no trecho acima, uma diferenciação entre a prática dos *colonizadores* e a dos *conquistadores*.

---

<sup>24</sup> Idem, p. 14-16.

Segundo essa leitura, Conrad estaria justificando a ação colonialista – uma vez que esta se distanciaria da mera conquista calcada na superioridade de forças frente a outros povos. Esta leitura aponta também para o fato de o colonialismo ser, supostamente, menos irracional que a conquista, uma vez que é justificado, altruisticamente, por uma idéia – idéia, esta, pela qual homens se sacrificam e lutam. Desta forma, Conrad estaria justificando a ação colonial porque esta, diferente do mero saque das conquistas, está baseada em um ideal, em um propósito. Conrad estaria criando um diferencial entre a ação de conquista dos romanos e os propósitos da ação colonialista europeia do século XIX.

Acredito que essa leitura não possa estar mais distante do que o trecho de Conrad pretende. Talvez, se a análise do trecho for feita em sua singularidade, possamos entender como deu margem a leituras que tecem essa diferenciação entre o colonizador e o conquistador. No entanto, relembro que a obra de Conrad deve ser tomada em sua amplitude temática. Quando relemos o trecho, acima destacado, após tomarmos conhecimento global de *O Coração das Trevas*, parece-nos clara a ironia do autor / narrador. Afinal, quando Marlow afirma que os romanos “Eram conquistadores e para isso a força bruta – nada de que se gabar quando se tem, já que a força é apenas um acidente que resulta da fraqueza de outros”, somos imediatamente remetidos às cenas posteriormente relatadas no romance do navio europeu, atirando a esmo no continente africano, bem como dos africanos acorrentados e fracos, vítimas da idéia de perigo que poderiam oferecer aos europeus.

Marlow não tece uma diferenciação entre o conquistador romano e o colonizador europeu – pelo contrário, através do uso da figura de linguagem da ironia, vale-se de sua construção para aproximá-los, colocando-os em um mesmo plano ideológico. Colonizadores *são* conquistadores, ambos estão embrenhados na idéia do “*Eles agarravam o que podiam pelo bem de agarrar o que podiam*”, valendo-se meramente da força. A diferenciação que pode ser feita é a de que o conquistador europeu do século XIX tem, a seu lado, além da força bélico-militar, também a força da idéia – “*(...) não um pretexto sentimental, mas uma idéia; e uma crença altruísta na idéia – alguma coisa que você pode criar, venerar e oferecer sacrifícios a ela...*”.

Outro aspecto fundamental para a apreensão da crítica tecida por Conrad ao colonialismo em seu romance, é a dicotomia quase maniqueísta que elabora entre as idéias de luz e trevas.

A primeira referência feita às “trevas” no romance, ao contrário do que espera a tradição, que se habitou a imaginar a idéia de um “território sombrio” associado ao continente africano, estabelece o clima soturno às margens do Tâmis. Destaco:

*O estuário do Tâmis se estendia à nossa frente como o início de uma interminável via de navegação. (...) Uma névoa descansava sobre as margens baixas que se achatavam até desaparecer na direção do mar. O céu estava escuro sobre Gravesend e, mais para trás, parecia condensar-se numa obscuridade sombria pairando imóvel sobre a maior e mais grandiosa cidade da Terra.*<sup>25</sup>

Conrad não poupa elementos, logo no princípio de seu romance, para construir, no imaginário de seu leitor, uma Inglaterra (principal expoente da ação imperialista) obscura, cercada pela névoa, em que a visibilidade é algo difícil. A todo momento, deparamo-nos com termos como “obscuridade”, “sombria”, “escuridão” e até mesmo “uma serenidade que se tornou menos brilhante e mais profunda”.

No entanto, quando Marlow, narrador utilizado por Conrad em seu romance, afirma que vai brindar-nos com a descrição de sua experiência pelo continente africano, as palavras que utiliza são as seguintes:

*... para compreender o efeito que aquilo me causou, vocês precisam saber como cheguei lá, o que vi, como subi aquele rio até o lugar onde avistei, pela primeira vez, o pobre sujeito. Foi um ponto extremo da navegação e o ponto culminante da minha experiência. De alguma forma, aquilo pareceu lançar uma espécie de luz sobre tudo o que me cercava – e sobre os meus pensamentos.*<sup>26</sup>

Parece-me extremamente interessante, que o narrador só consiga atingir a iluminação através de sua experiência no continente africano, supostamente um local de trevas, idéia que o imaginário europeu tanto difundia.

No decorrer da narrativa de sua aventura, Marlow sempre descreve o território africano como envolto por luminosidade e claridade. São várias as passagens do romance que mencionam a luz que cerca os povos africanos. Destaco pequeno excerto:

---

<sup>25</sup> Idem, p. 11.

<sup>26</sup> Idem, p.16.

*Vultos negros encurvados jaziam, sentados entre as árvores recostados em seus troncos, agarrando-se à terra, meio visíveis meio ocultos naquela claridade baça, em todas as atitudes de dor, abandono e desespero.*<sup>27</sup>

Conrad parece subverter a dicotomia tradicional que associa a idéia de “luz” à Europa e a de “continente sombrio” à África. Ou, talvez, ainda, as “trevas” a que se refere Conrad não encerrem um limite geográfico específico, dialogando com uma amplitude de léxico: as “trevas” podem corresponder à prática imperialista, à idéia de conquista de outros povos e de outros territórios. Isso explicaria porque as trevas circundam o narrador, desde o rio Tâmis até o rio Congo, mantendo-se quase como uma segunda voz narrativa no romance – uma voz silenciosa, de presença acusatória intensa. O “coração das trevas” passa a ser, então, o coração do próprio homem corrompido pelos ideais colonialistas; o coração do homem que se embrenha na crença da superioridade européia frente aos outros povos.

\*

Fato é que o romance de Conrad suscitou, e ainda vai suscitar muitas leituras e interpretações. Estas, no entanto, não podem ser feitas desconsiderando todo o empenho e militância do escritor no contexto de denúncia dos abusos e da inumanidade perpetrada pela ação colonialista no território africano. Meu objetivo, nessas breves páginas, não foi o de apresentar uma nova e revolucionária leitura do romance, mas, sim, de resgatar o olhar que reconhece o esforço narrativo e pessoal de Joseph Conrad na denúncia da insanidade do colonialismo. Para tal, procurei apresentar leituras que se oponham aos argumentos de críticos que visualizam em *O Coração das Trevas* um romance de seu tempo, imbuído de epistemologia e ideais racistas e imperialistas. Conrad, tal qual Machado de Assis, é um homem à frente de seu tempo – não apenas linguisticamente, valendo-se de construções narrativas que seriam exploradas com mais intensidade apenas nas décadas posteriores do século XX, mas também ideologicamente, uma vez que se engaja publicamente na oposição à ação imperialista européia na África, no auge desta profunda articulação econômica, política e militar. Lembro, aqui, o trecho de Edward Said, já citado neste trabalho: “(...) *Como indivíduo de seu tempo, Conrad não podia admitir a liberdade para os nativos, apesar de suas sérias críticas ao*

---

<sup>27</sup> Idem, p. 29.

*imperialismo que os escravizava*”<sup>28</sup>. Meu argumento caminha, justamente, no sentido de afirmar que a denúncia empreendida por Conrad tem, como pano de fundo, a própria idéia de liberdade do nativo – e nesse sentido, portanto, não é um “homem de seu tempo”, como quer o intelectual palestino.

É também tomando Joseph Conrad como homem à frente de seu tempo, que visualizo uma curiosa possibilidade interpretativa para o final de seu mais famoso romance. Ao final da narrativa, Marlow dirige-se à residência da noiva de Kurtz, para entregar-lhe a fotografia e documentos que lhe foram confiados pelo grande caçador de marfim antes de sua morte. Marlow e a noiva de Kurtz travam então um diálogo acerca da excepcionalidade deste último, de seu caráter, de sua experiência no continente africano. Chegam, por fim, à morte de Kurtz. Sua noiva deseja que Marlow divida com ela quais foram as palavras finais de Kurtz:

*‘Me perdoe. Eu... eu o pranteei por tanto tempo em silêncio – em silêncio... O senhor estava com ele – até o fim? Penso na sua solidão. Ninguém por perto para compreendê-lo como eu teria compreendido. Talvez ninguém para ouvir...’*

*‘Até o último momento’, falei abalado. ‘Ouvi suas últimas palavras...’ Parei, apavorado.*

*‘Repita-as’, ela murmurou com a voz amargurada. ‘Quero... quer alguma coisa... alguma coisa – com que... com que viver.’*

*Eu estava a ponto de gritar para ela: ‘Não está ouvindo?’. O crepúsculo as estava repetindo num sussurro persistente em toda a nossa volta, num sussurro que parecia engrossar ameaçadoramente como o primeiro sopro de um vento formado. ‘O horror! O horror!’*

*‘Sua última palavra – para viver com ela’, ela insistiu. ‘Não entende que eu o amava... o amava... o amava!’*

*Eu me recompus e falei pausadamente.*

*‘A última palavra que ele pronunciou foi... seu nome.’*

*Ouvi um suspiro leve e então meu coração emudeceu, quase parou, com um grito exultante e terrível. ‘Eu sabia – eu tinha certeza!’... Ela sabia. Ela tinha certeza.*<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> SAID, Edward. *op cit*, p. 63

<sup>29</sup> *Idem*, p. 113

Após dividir com a noiva de Kurtz elementos de sua viagem, da realidade que cercou o noivo da mulher à sua frente, Marlow compreende que sua experiência e a de Kurtz, no território africano, nunca serão totalmente apreendidas por sua interlocutora. Opta, portanto, por satisfazê-la em sua ânsia de saber que foi a última lembrança de Kurtz antes de sua morte, mesmo que este fato não corresponda à verdade.

Conrad demonstra, desta forma, como muito da realidade de opressão do colonialismo em territórios africanos é ouvida em território europeu, mas não assimilada e compreendida. A noiva de Kurtz é incapaz de aceitar que o impacto das experiências do caçador de marfim, em território africano, tenham sido tão intensas a ponto de desconstruir a imagem daquele homem que, certamente, em seu leito de morte, diria o nome de sua amada.

Assim como a noiva de Kurtz, é provável que muito do público europeu não fosse capaz de compreender o verdadeiro significado de “O horror! O horror!”...